

“Não fale com estranhos” – ouvimos de nossos pais e repetimos aos nossos filhos. O estranho causa insegurança e tensão, porque é o diferente, seja ele o migrante, o pobre ou qualquer outro em quem não se reconheçam traços de familiaridade com a própria cultura. Causando a sensação de estranhamento, ele coloca em questão a alteridade.

Este é o tema deste livro, no qual Luci Ribeiro tece um panorama das percepções do estranho na teoria social ao longo do século XX, a partir da obra de quatro autores: Georg Simmel, Alfred Schütz, Norbert Elias e Zygmunt Bauman. No primeiro capítulo, “O estranho e a modernidade”, a questão central do livro é apresentada e problematizada. Os capítulos seguintes são dedicados a esmiuçar as definições do estranho e as teses sobre ele nas obras de cada autor: o capítulo dois aborda “a construção da percepção do estranho: as heranças de Georg Simmel e Alfred Schütz”; o capítulo três trata de “Norbert Elias e a importância das análises das configurações sociais para os processos de exclusão”; o capítulo quatro tem como tema “as ambivalências da modernidade e as ambivalências do estranho: a interpretação de Zygmunt Bauman”.

Ao desvendar a evolução da categoria “estranho” quanto às definições, às questões que suscita e às perspectivas que a envolvem, Ribeiro nos permite acompanhar as transformações de problemas sociais e sociológicos fundamentais da modernidade, em especial

aqueles ligados às diferenças, desigualdades, exclusão e perseguição do outro.

Com a contextualização da obra dos autores, fica claro que suas percepções sobre o tema variam segundo o contexto social, a metodologia utilizada e mesmo a trajetória pessoal de cada um, mas na obra de todos eles a categoria “estranho” aparece dotada de ambivalência:

estranhos são aqueles indivíduos ou grupo de indivíduos que carregam consigo um estigma social, o de não ser conhecido, de não ser familiar, de ser diferente a ponto de evidenciar uma clara distinção entre “eles” e “nós” (p. 24).

No conjunto das obras abordadas, fica evidente que a diferença causa perturbação, mas cada autor analisa a relação entre os estranhos e os demais membros do grupo de maneira distinta, o que conduz a propostas diferentes para lidar com a alteridade. Ao analisar a obra desses autores, Ribeiro destribe as continuidades e as rupturas, bem como os pontos comuns, os complementares e os divergentes entre esses autores.

Simmel (1908, 1971, 1973, 1983, 1998) escreveu sobre o estranho no início do século XX a partir de uma visão de sociedade centrada na busca de equilíbrio social, cuja base está no papel social instrumentalmente desempenhado pelos indivíduos, e seu foco recai sobre a relação entre o estranho e o grupo. O estranho é caracterizado pela transitoriedade e por sua situação ambígua de

pertencimento/não pertencimento ao grupo: ele é membro do grupo, em posição de desigualdade de direitos, mas também está fora dele, em situação de confronto. Embora o estranho passe a fazer parte do grupo, não está em igualdade de relação com os demais membros, mas, nessa condição, tem a possibilidade de alterar o curso das relações sociais em que se insere. Assim, exerce um papel importante para a estabilização da sociedade. O estranho, tal como visto por Simmel, não representa ameaça ao grupo, ao contrário, a diferença que ele proporciona fortalece o grupo e produz coesão social.

Publicando seu artigo sobre o estranho 36 anos mais tarde, Schütz (1976) incorpora novos elementos da realidade a sua análise. No período entre as publicações dos dois autores, houve duas guerras mundiais que mudaram as questões e as formas de ver o mundo, com crescente preocupação em relação a temas como exclusão, intolerância, perseguição e extermínio de pessoas.

Em uma análise fenomenológica dos mecanismos e processos da vida cotidiana, Schütz tem como foco as questões pessoais e culturais do estranho na adaptação a outro padrão cultural, na qual ele é definido em sua situação temporária de adaptação a um novo grupo, procurando ser aceito ou pelo menos tolerado. Para isso, o estranho tenta interpretar e assimilar os padrões culturais desse grupo. Contudo, ao usar o próprio padrão cultural de origem como referência, ele tem dificuldades de adaptação, pois tal padrão não serve em seu novo ambiente. Ao mesmo tempo, por não compartilhar as concepções básicas do grupo no qual pretende se inserir, o estranho questiona o que parece inquestionável para o grupo. Trava-se, assim, uma relação de estranhamento em mão dupla: do grupo em relação ao indivíduo questionador e deste em relação às normas e valores do grupo.

Ribeiro identifica duas grandes contribuições para a temática do estranho na obra de Schütz: a consideração da dimensão pessoal do estranho como indivíduo dotado de humanidade e desejo de ser aceito e a ênfase à importância do entendimento do padrão cultural para a compreensão da convivência com o estranho. Por outro lado, um limite é detectado na obra deste autor: ao conceder mais atenção ao lado do indivíduo e minimizar a atenção ao grupo, Schütz não percebe a possibilidade de o estranho não ser aceito nem tolerado pelo grupo do qual ele deseja participar, embora essa situação seja possível.

A complementariedade das abordagens de Simmel e Schütz é destacada por Ribeiro, afirmando que ambas dizem respeito a duas faces da mesma situação, de encontro entre indivíduos e grupos vindos de culturas diferentes. As duas têm em comum a aceitação da assimilação como solução para a eliminação das contraposições nas diferenças entre estranhos.

Todavia, a assimilação aparece como uma solução datada, do início do século XX. Com o acirramento da heterogeneidade e as novas formas de ver riqueza na diversidade, a assimilação passa a ser bastante questionada como modo de convivência com a diferença em sociedades complexas. Esse questionamento está ligado a novas interpretações sobre a questão do estranho, como se pode perceber nas obras de Elias (1986, 1994, 1996, 1997, 1999, 2000) e de Bauman (1990, 1998a, 1998b, 2001a, 2001b).

Elias, assim como Simmel e Schütz, percebe a relação de interdependência existente entre grupos sociais estabelecidos e estranhos e, assim como Schütz, examina os padrões culturais de ambos. Entretanto, Elias vai além dos outros autores quando enfoca a propagação dos mecanismos de estigmatização e exclusão de indivíduos a partir do estudo da natureza das configurações sociais nas

quais estes se originam. O termo “estranho” raramente é utilizado por Elias, que prefere falar em “*outsiders*”. Esse conceito pode se referir a dois significados: um deles consiste na percepção que um grupo hegemônico tem sobre um indivíduo ou grupo, sendo o *outsider* aquele que não é familiar e que não deve ser incorporado ao grupo hegemônico; o outro significado diz respeito à percepção que o indivíduo tem de si mesmo a partir de sua opção de viver de forma diferente do estilo de vida comumente aceito. Em suma, os *outsiders* abordados sofrem estigmatização e, assim, são excluídos do compartilhamento da vida comunitária do grupo hegemônico.

Em grande medida, esses problemas decorrem dos processos migratórios que causam encontros entre grupos com culturas diferentes. Os dois grupos dão origem a dois processos característicos: a valoração subjetiva e mútua entre os grupos e a emergência de sentimentos de rivalidade.

Ribeiro mostra como a abordagem eliasiana dirige o olhar para as configurações sociais, pensadas como redes de inter-relações nas quais os conjuntos de indivíduos estão em constante interação, estabelecendo relações mútuas de modo interdependente. Dessa forma, Elias evita uma postura polarizadora e começa por investigar a rede de inter-relações em que estabelecidos e *outsiders* estão inseridos. Além disso, considera o desenvolvimento histórico dos objetos envolvidos, e não apenas o momento imediato da constatação do fenômeno em questão. Para compreender as relações nas quais se insere o estranho, o autor interpreta as configurações sociais, associadas ao *habitus* dos membros de uma comunidade que geram exclusão e preconceito em situações historicamente contextualizadas. Isso é feito tanto em nível microsocial – como se nota em seu estudo sobre a rivalidade entre comunidades vizinhas em uma vila operária inglesa – como

em nível macrosocial, no exame da produção do holocausto.

A partir do exame desses dois casos, Ribeiro evidencia que a perspectiva de Elias traz uma contribuição fundamental para desvendar os mecanismos pelos quais se produz e reproduz socialmente a exclusão de estranhos nas sociedades contemporâneas. Por outro lado, o principal limite dos estudos de Elias sobre o estranho, mostrado por Ribeiro, está na ausência de propostas concretas para solucionar o problema da intolerância, em que pese a sugestão da busca de equilíbrio nas relações entre indivíduo e sociedade.

Assim como Elias, Bauman oferece uma explicação para a hostilidade contra os estranhos, mas sob outra perspectiva. Sua interpretação da realidade está centrada na ambivalência da modernidade e da pós-modernidade, em função da contraposição entre a insegurança diante da imprevisibilidade dos processos da modernidade, da busca de certezas e segurança e, ainda, pela predominância pós-moderna de uma visão de mundo que reconhece a complexidade, a imprevisibilidade e a ambivalência como aspectos elementares do processo social.

A categoria “estranho” se generaliza no decorrer da evolução da modernidade pelo aumento dos deslocamentos e pela acentuação da heterogeneidade social e personificação daquela ambivalência. Indivíduos podem ser estranhos de diferentes maneiras – como migrantes, estranhos ao consumo, pessoas com comportamentos dissonantes da maioria ou simplesmente pessoas que não conhecem umas às outras e se encontram nas ruas –, mas todos têm como característica comum causar perturbação, mesmo que sem essa intenção, por colocarem em questão as regras de agir e os padrões de comportamento que oferecem segurança.

O problema dos estranhos diz respeito principalmente à formação da identidade, a

qual se desenvolve sobre a base da oposição entre “nós” e “eles”. Os estranhos contestam a validade dessas oposições por não serem parte do “nós” nem do “eles”, por estarem em um espaço que não pode ser definido precisamente, por isso, eles, mesmo involuntariamente, desafiam as certezas e, assim, o conforto dos grupos.

Então, como se lida com estranhos? A reação mais comum, segundo Bauman, é a indiferença moral, a fim de estabelecer uma convivência superficial sem conflitos. Contudo, em casos extremos, a exclusão dos estranhos pode induzir à exclusão violenta e a tentativas de eliminação física.

Assim, Bauman ajuda a compreender que, entre as consequências da modernidade, estão movimentos discriminatórios e violentos que buscam “harmonia”, mas aprofundam os problemas, como é o caso dos regimes totalitários. Por outro lado, Bauman também espereita uma alternativa ao enxergar, na pós-modernidade, mais preocupação com a flexibilidade e com a preservação de diferenças. Dessa forma, a pós-modernidade acena com uma oportunidade emancipadora ao oferecer condições para que as fronteiras que delimitam e afastam os estranhos sejam depostas, contanto que a formação da identidade dos indivíduos contemporâneos não se baseie em uma oposição “nós vs. eles” nem exclua a possibilidade de lidar com as incertezas.

Percebido em sua evolução histórica, o panorama traçado por Ribeiro permite ver que a problemática do estranhamento emerge de modo peculiar na modernidade a partir da intensificação e diversificação das situações de contato entre os indivíduos, por meio do aumento dos processos de migração e das situações de interação social e de en-

contro entre diferentes culturas e etnias. Ao longo do século, o movimento de globalização faz que a condição de estranho se generalize ainda mais. Todos somos estranhos para os outros e estamos cercados de estranhos em nosso cotidiano. O medo do estranho se faz presente, e se muitas formas de lidar com ele são apresentadas, desde propostas de respeito ao outro até ações violentas.

O que se percebe no decorrer da trajetória da percepção do estranho, tal como desenhada por Luci Ribeiro, é que existem duas formas básicas para lidar com estranhos na modernidade, ambas ignorando sua alteridade e servindo somente como formas de defesa, e não como caminhos para a convivência. A primeira forma, destacada por Simmel e Schütz, é a assimilação, que preserva os direitos civis, mas ignora as diferenças, tendo como horizonte a homogeneização dos padrões e costumes culturais. A segunda forma, trazida à tona pela obra de Elias e de Bauman, consiste na exclusão do estranho do corpo da sociedade em vários níveis possíveis, desde a restrição do acesso a certos círculos sociais, passando pela expulsão total do grupo, até a eliminação física.

Portanto, o problema do estranho é muito atual e relevante, sendo colocado cotidianamente para todos os indivíduos modernos. Nesse contexto, o livro de Luci Ribeiro contribui para pensar sobre a maneira de lidar positivamente com a diferença nas sociedades contemporâneas. Não existe resposta fácil, assim, não se pode esperar um manual de como agir em relação ao tema. Todavia, o livro oferece ricos subsídios para refletir criticamente sobre o mundo que se tem e o mundo que se deseja, contribuindo para a construção de possíveis caminhos entre um e outro.

Referências

- BAUMAN, Z. *Thinking sociologically*. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.
- _____. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.
- _____. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998b.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001a.
- _____. *Community: seeking safety in an insecure world*. Cambridge: Blackwell, 2001b.
- ELIAS, N. *Conditio humana: Beobachtungen über die Entwicklung der Menschheit. Bielefelder Universitätsgespräche 2*, Bielefeld, 1986.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *Norbert Elias über sich selbst*. Frankfurt: Suhrkamp, 1996.
- _____. *Os Alemães: a luta pelo poder e evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SCHÜTZ, A. *The stranger: an essay in social psychology. Collected Papers II: Studies in social theory*. Haia: Martinus Nijhoff, 1976.
- SIMMEL, G. *Soziologie: untersuchungen über die formen der Vergesellschaftung*. Leipzig: Duncker & Humbolt, 1908.
- _____. *On individuality and social forms: selected writings*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
- _____. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- _____. *Sociologia: grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *O Dinheiro na Cultura Moderna*. In: SOUZA, J.; OELZE, B. (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: UNB, 1998.